

## **SUBJETIVIDADE, AMIZADE E MONTANHISMO: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza**

Sandoval Villaverde Monteiro<sup>1</sup>

### **Resumo Abstract**

O principal objetivo do texto consiste em problematizar as práticas corporais vivenciadas como lazer e aventura em ambientes naturais, em especial aquelas ligadas ao montanhismo, buscando pensá-las no contexto das formas contemporâneas de sociabilidade e processos de subjetivação, indagando sobre os liames sociais suscitados a partir da relação com tais práticas. A partir dos dados provenientes do contexto dos grupos estudados, bem como do referencial teórico adotado, sustenta-se o argumento de que o envolvimento com estas práticas

The main aim of this study was to analyze the corporal practices experienced by people such as leisure and adventure activities in natural environments, specially trying to view them in the contemporary forms of sociability and processes of subjectiveness wondering about the social aspects as related with such practices. In face of the studied context it was possible to prove the argument that the involvement in such collective practices can, in some situations, be understood as fertile existential experiences that facilitates the exercise

---

<sup>1</sup>



coletivas de lazer e aventura na natureza pode, em algumas situações, ser entendido como experiências existenciais férteis para o exercício de uma relação renovada do sujeito consigo mesmo, com o outro e com a natureza. Este exercício faculta aos sujeitos envolvidos a possibilidade de vivenciar processos renovados de subjetivação coletiva, podendo resultar em formas de amizade mais solidárias, livres e criativas.

**Palavras-chaves:** subjetividade, amizade, lazer, natureza

of a new relationship between the individual and himself, others and nature. This exercise makes it possible for the individuals to have the opportunity to experience renewed processes of collective subjectiveness, resulting in more solidary, more free and creative forms of friendship.

**Key-words:** subjectivity, friendship, leisure, nature

*Como explicar a profusão de formas de sociabilidade que acompanham o choque da modernidade? [...] As solidariedades e grupos que emergem depois de dois séculos de modernidade já não estão unidos pelos laços*

*arcaicos ou ideológicos. Procuram uma existência própria. Compõem-se, decompõem-se e recompõem-se, num movimento incessantemente inacabado...*

*Duvignaud (2000)*

## Introdução

A intenção deste texto é partilhar algumas considerações sobre os temas anunciados em seu título, tomando como referência meus estudos em nível de doutorado<sup>2</sup>. O objetivo principal consiste em problematizar as práticas corporais vivenciadas como lazer e aventura

em ambientes naturais, especialmente buscando pensá-las no contexto das formas contemporâneas de sociabilidade e processos de subjetivação, indagando sobre os liames sociais suscitados a partir da relação com tais práticas. As práticas enfocadas foram aquelas vinculadas ao montanhismo (escalada em rocha, caminhadas em trilhas, etc.)



Tratou-se de abordar alguns aspectos relevantes destas experiências lúdicas e de sua vivência pelos indivíduos, relacionando-os a processos contemporâneos de subjetivação e formas de sociabilidade, especialmente considerando as relações de amizade.

Num primeiro momento o texto busca acercar-se da questão central colocada para o estudo, apontando alguns aspectos que demonstram a relevância e a atualidade da discussão sobre subjetividade e formas de sociabilidade, sobretudo considerando as relações de amizade. Esta discussão é aproximada ao contexto das práticas corporais de aventura na natureza, de forma especial as práticas relacionadas ao montanhismo.

Num segundo momento são apresentados os procedimentos metodológicos adotados para o estudo, buscando oferecer alguns elementos da abordagem etnográfica que perpassou todo o processo da pesquisa. Aqui também são destacados os principais aspectos que marcaram minha aproximação e convivência com os grupos estudados.

Por fim, são destacados os principais aspectos suscitados pela pesquisa. Estes aspectos estão estreitamente relacionados à questão central colocada para o estudo e são provenientes tanto do referencial teórico adotado quanto dos dados coletados com a pesquisa de campo.

## **Cercando a questão norteadora do estudo**

Alguns indícios dão conta de demonstrar a relevância da problematização da subjetividade e das formas de sociabilidade, especialmente considerando o momento contemporâneo, farto em mutações de variados tipos e na profusão de cenários inusitados. Como vem sendo largamente discutido por significativos segmentos da produção teórica contemporânea, temos testemunhado importantes transformações na vida humana nos últimos séculos, as quais se intensificaram ainda mais nas últimas décadas, desencadeando novas e complexas configurações na relação dos indivíduos consigo próprio, com os outros e com a natureza.

De acordo com boa parte das vertentes de análise da contemporaneidade, é a partir das décadas de sessenta e setenta que são percebidas de forma mais enfática uma série de transformações culturais, tecnológicas, econômicas e ideológicas, atingindo de forma desigual as sociedades e expressando-se de forma mais vigorosa nas sociedades economicamente mais avançadas. Essas transformações inauguram a gradual passagem de uma sociedade industrial a uma sociedade de serviços, assim como desencadeia mutações de variados tipos, com conseqüências sem precedentes seja na esfera do trabalho ou do não-trabalho, seja na experiência do tempo e do espaço.

Os novos cenários produzidos por tais mudanças apontam também, e inevitavelmente, para novas experiências do sujeito, abrindo um espaço fecundo para a contemporânea tematização da problemática da subjetividade<sup>3</sup>, especialmente considerando autores como Giddens (1991, 1993, 1997, 2002), Beck (1997), Lash (1997), Foucault (1985, 1994a, 1994b, 1998), Ortega (1997, 1998, 1999, 2000, 2002), Guattari e Rolnik (1986), Rolnik (1997a, 1997b), entre outros. Emerge, dessa forma, todo um cenário de questionamentos sobre os modos contemporâneos de subjetivação, incluindo a problematização da amizade, entendida como forma de subjetivação coletiva. Tais questionamentos versam sobre como nos aproximamos de nossa experiência de sujeito, de relacionamento com os outros e conosco mesmos.

Como discute Giddens (2002), as transformações que co-

nhecem seu ápice no atual estágio da modernidade não encontram precedentes na história das sociedades. Dado o extremo dinamismo da modernidade, especialmente em sua fase atual, estas transformações não somente alteram radicalmente a vida social cotidiana, mas também afetam os aspectos mais pessoais e íntimos da existência humana. Este contexto de mudanças, demonstra o autor, abre espaço para toda uma reconfiguração nos modos de autoconstituição dos sujeitos, assim como na forma e dinâmica dos relacionamentos interpessoais contemporâneos.

Os processos atuais de modernização e individuação característicos do momento contemporâneo, de acordo com Beck (1997), levam a uma reconfiguração e a um deslocamento das formas sociais historicamente prescritas, tais como a família, o matrimônio e o trabalho, abrindo espaço para a experi-

---

mentação de novos vínculos. Como consequência dessas tendências de desprendimento e individualização<sup>4</sup>, o indivíduo teria a possibilidade de escolher entre uma rede de relações sociais, da qual ele mesmo tende a ser o próprio arquiteto, possibilitando a experimentação de diferentes formas de existência e laços de sociabilidade.

Embora não compartilhe do mesmo otimismo de Beck, Rolnik (1997a, p. 19) aponta também um quadro de mudanças, afirmando que as subjetividades contemporâneas, independente da sua morada, tendem a ser povoadas por uma profusão cambiante de universos, uma "mestiçagem de forças", as quais delineiam "cartografias mutáveis" e colocam em cheque seus contornos habituais. Isto ocorre numa realidade onde a globalização da economia e os avanços tecnológicos, especialmente a mídia eletrônica, aproximam universos das mais variadas espécies em qualquer parte do mundo, numa variabilidade e numa densificação cada vez maiores.

É neste contexto mais amplo de discussão que se insere a reflexão sobre a experiência de lazer, especialmente as práticas de aventura na natureza. No mundo con-

temporâneo - marcado pelo dinamismo da reflexividade e das transformações no tempo e no espaço, pelo fulcro da informação/comunicação e pela importante interconexão entre sistemas globais e o próprio sujeito - não é de admirar que o fenômeno do lazer apresente uma incontestável visibilidade. Tal cenário apresenta para a vida humana inúmeras contradições e tipos de opressão, muito embora, paradoxalmente, possibilita novos espaços de contrapontos e reapropriação. Isto parece fazer da vida cotidiana, e conseqüentemente da vivência do lazer, um campo de experiências e ações humanas tanto rico quanto ambivalente.

Sem querer voltar a considerações conceituais já feitas em outra ocasião (VILLAVERDE, 2003), preciso somente lembrar que associo a experiência do lazer à vivência, produção e reelaboração de cultura, num espaço-tempo conquistado pelos sujeitos às imposições da vida no mundo, visando o pleno exercício da humanidade, especialmente em suas expressões de liberdade e ludicidade. Exercício este não constituindo-se num essencialismo abstrato, mas aproximando-se dos processos de singularização, tal como

os entende Guattari (1986), nos quais o que se busca é a afirmação de outras maneiras de ser, outras percepções e sensibilidades.

É neste sentido que considero possível entender o lazer, particularmente as práticas corporais vivenciadas na natureza, como campo de experiências humanas privilegiadas junto aos processos de constituição de subjetividades, já que, ao potencializar os aspectos anteriormente destacados, oferece uma rica possibilidade de exercitar e intensificar uma relação renovada consigo próprio, com a cultura e com a alteridade, aí incluídos os outros seres humanos e os demais seres e elementos do planeta.

Nesta direção, Bruhns (1997) argumenta que as experiências íntimas na relação corpo-natureza no âmbito do lazer, expressam em algumas situações uma busca de reconhecimento do espaço que este corpo ocupa em sua relação com o mundo. Estas experiências, acredita a autora, podem expressar ainda um questionamento e uma revisão de valores, assim como um encontro muito particular do ser humano consigo próprio.

Estas asserções sobre as potencialidades da experiência do lazer são particularmente férteis e próximas aos argumentos deste estudo. Nela está mais ou menos expresso que, em algumas situações e

contextos, as experiências de lazer na natureza podem traduzir-se em um exercício reflexivo do sujeito sobre si próprio e sobre a vida no mundo. Dela pode-se apreender ainda que este exercício potencializa uma relação diferenciada do sujeito com o próprio corpo e com a natureza, a qual pode traduzir-se numa revisão de valores e num particular encontro do sujeito consigo mesmo e com a alteridade.

Minha vivência pessoal com escaladores e minha própria relação com a prática da escalada em rocha, por exemplo, permitem considerá-la bastante expressiva em termos de estreitamento de laços interpessoais. A forma de sociabilidade exercitada no contexto de tais práticas é bastante intensa, pois a relação que se estabelece entre guia (escalador que se coloca à frente no trajeto a ser feito na rocha) e participante (escalador ou escaladores que seguem o mesmo trajeto feito pelo guia após a chegada deste num determinado lugar da parede de rocha) implica confiança, comunicação, incitação recíproca e entendimento mútuos, a fim de evitar acidentes e fazer com sucesso o trajeto pretendido. Trata-se de cuidar de si e do outro na emoção de uma aventura compartilhada, onde os movimentos de troca do corpo com o ambiente tendem a ser, a um só tempo, suaves e intensos.

Nesta prática corporal específica ligada ao montanhismo, especialmente sendo ela vivenciada como lazer, o que parece estar em jogo é uma composição (SANT'ANNA, 1999), de preferência sensível e criativa do praticante com os obstáculos, com as possibilidades oferecidas ao corpo pela rocha (em suas agarras, fendas, fissuras, etc.), com os equipamentos utilizados (cordas, fitas, mosquetões, etc.) e com quem o acompanha nesta aventura em sentido vertical.

Mas é preciso ter presente também, sem dúvida, as contradições e paradoxos presente no contexto das práticas de lazer e aventura na natureza como um todo. Estas têm sido, de forma geral, fortemente incorporadas pelo mercado esportivo e/ou turístico, este último especialmente em sua versão "ecológica" ou "de aventura", passando assim, a despeito de suas potencialidades e do discurso ecológico que as sustentam, a reproduzir acriticamente a lógica do consumo de massa, do espetáculo esportivo e da indústria do entretenimento, sobretudo nesta fase da modernidade. Deve ser considerada especialmente a lógica utilitarista e mercantil de instrumentalização da na-

tureza, adotada muitas vezes nas práticas etiquetadas como "ecoturísticas" e também pelo *trade* turístico que as promovem e comercializam<sup>5</sup>. A facilidade com que esta lógica pode aparecer disseminada nos indivíduos e grupos que participam desses pacotes "esverdeados" podem, em boa parte dos casos, ser um fator de empobrecimento de suas potencialidades de reflexão, crítica e criatividade.

Ainda assim, a existência das diversas contradições e paradoxos vinculados a essas práticas em sua incorporação pelo mercado, seja ele turístico ou esportivo, não deve invalidar o esforço de tentar perceber o que elas trazem de renovado e potencialmente transformador na relação do indivíduo consigo próprio e com a alteridade. Talvez seja possível, a partir do conhecimento de tais potencialidades, buscar com mais propriedade o exercício de condutas éticas renovadas e também a formulação de estratégias de resistências tanto micro como macropolíticas.

O quadro brevemente esboçado até aqui, certamente merecedor de aprofundamentos e considerações várias, já permite que seja apontada a indagação central que

mobilizou o esforço reflexivo do estudo, assim como uma suposição para uma eventual resposta. A indagação: Em que medida é possível perceber na vivência coletiva de práticas corporais de lazer e aventura na natureza, especialmente aquelas relacionadas à montanha (caminhada, escalada, etc.), potencialidades para o exercício de novos processos de subjetivação e novas formas de sociabilidade, especialmente considerando as relações de amizade? A aposta: O envolvimento com estas práticas coletivas de lazer pode configurar-se como uma experiência existencial fértil para o exercício de uma relação renovada do sujeito consigo mesmo, com o outro e com a natureza, tornando possível a busca por processos renovados de subjetivação coletiva, podendo resultar em formas de amizade mais livres, criativas e solidárias.

### **O percurso metodológico: um olhar etnográfico**

Com estes marcos de problematização e apostas, busquei num primeiro momento, empregar uma metodologia baseada fundamentalmente na leitura e análise de textos que tratam da temática proposta. Neste caso, pretendi-me em diálogo com a perspectiva teórica dos autores chamados a fundamentar este estudo.

No entanto, parafraseando o antropólogo Clifford Geertz, ainda não me sinto à vontade em afastar-me muito das imediações da vida social, o que me fez inevitavelmente buscar uma referência empírica no contexto das referidas práticas corporais, a qual pudesse oferecer sustentação aos argumentos desenvolvidos. Neste sentido, os dados coletados da pesquisa de campo são resultantes de observações e entrevistas com alguns adeptos de práticas corporais de lazer e aventura na natureza, nomeadamente atividades ligadas ao montanhismo (caminhada, escalada em rocha, etc.), na cidade do Rio de Janeiro. Para esta pesquisa de campo adotei um procedimento predominantemente etnográfico na observação da realidade investigada e penso que meu convívio com o cotidiano dos grupos e sujeitos pesquisados tenha sido bastante elucidativo. Tal experiência foi certamente vivida de forma bastante intensa.

Impelido por esta aproximação etnográfica, procurei guiar-me munido especialmente da perspectiva antropológica inaugurada por Clifford Geertz. A análise cultural proposta por Geertz (1989, p. 38) postula uma abordagem semiótica da cultura, isto é, o entendimento da cultura como um sistema de símbolos, os quais podem ser lidos como um texto. O entendimento

semiótico da cultura, evocado pelo autor, ecoando Max Weber, pressupõe entender os sujeitos como estando amarrados a teias de significado, as quais são tecidas por estes mesmos sujeitos.

Geertz (1989, p. 24) assume o conceito de cultura como sendo exatamente estas teias e a sua análise. Neste sentido, ela se refere não à uma ciência experimental à procura de leis, mas antes a uma ciência interpretativa, à procura do significado. Como sistema entrelaçado de símbolos interpretáveis, "a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é antes um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade".

Para Geertz (1989), fazer etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Não são as técnicas, as coisas e os processos determinados que definem o empreendimento etnográfico, mas o tipo de esforço intelectual que ele representa: o risco elaborado de uma "descrição densa", expressão que o autor pede emprestado a Gilbert Ryle.

A dupla tarefa da análise cultural, de acordo com Geertz, é perseguir a compreensão das estruturas conceituais que os atos dos sujeitos informam, isto é, o "dito" no discurso social, além de construir um sistema de análise em cujos termos o que aparece como genérico a essas estruturas se destaca contra outros determinantes provindos do comportamento humano. O esforço teórico, em etnografia, é de fornecer um vocabulário no qual possa tomar expressão o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo e sobre o papel da cultura na vida humana. O esforço etnográfico da análise cultural, portanto, é de "tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados; apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando-as exatamente em especificações complexas" (GEERTZ, 1989, p. 38).

Mas a antropologia interpretativa, ainda segundo o autor, é uma ciência na qual o progresso se dá menos por uma perfeição de consenso do que por um refinamento do debate. Neste contexto, "a análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual

chegar a qualquer lugar com um assunto focado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não o está encarando de maneira correta" (GEERTZ, 1989, p. 39).

Pretendendo atender aos propósitos do estudo, estive inserido na realidade cotidiana de dois grupos envolvidos com a prática de atividades ligadas ao montanhismo, tentando apreendê-la no fluxo do acontecer, buscando ainda os depoimentos dos próprios sujeitos que compõem estes grupos e que vivenciam estas atividades. Seguindo as orientações geertizianas, pude estabelecer um convívio pessoal com alguns desses sujeitos e com a própria dinâmica de tais grupos, nas quais as observações sistemáticas, as anotações no caderno de campo, as fotografias e a própria vivência das atividades foram uma constante. Num certo sentido, passei a "viver na situação em estudo", utilizando, além dos recursos de registro já comentados, "a introspecção e autoanálise como formas adicionais de observação" (ABRAMO, 1979, p. 40).

Os grupos investigados são constituídos por praticantes de atividades corporais de aventura na natureza, mais especificamente ligadas ao montanhismo, vinculados ao Grupo de Caminhada Alternativa de Vida e ao Centro Excursionista Rio de Janeiro. O trabalho de campo pro-

priamente dito, em sua fase de observações, teve início no mês de julho de 2001, com a minha participação na primeira atividade de caminhada pelas montanhas do Rio de Janeiro, junto ao Grupo de Caminhada Alternativa de Vida - GCAV. A partir do convívio com este grupo é que pude estabelecer contatos com o Centro Excursionista Rio de Janeiro - CERJ, com o qual viria a ter uma convivência ainda mais prolongada.

Tomei conhecimento da existência do GCAV de forma bastante casual, por ocasião da participação em um congresso no âmbito de discussões sobre lazer, no qual era apresentado um trabalho cuja discussão central se dava a partir da experiência daquele grupo. A partir daí vieram os contatos e a participação em algumas de suas atividades.

Uma maneira que encontrei de estabelecer uma relação mais estreita com o CERJ, de forma a participar de sua dinâmica e conhecer melhor seus membros, foi me inscrever num curso básico de montanhismo por ele oferecido, o qual se estenderia pelos meses de setembro a novembro de 2001 e que mobilizaria significativa parte de seus associados. A inscrição no curso tornava-me automaticamente um associado do CERJ, o que me permitia uma participação mais efetiva da vida social do grupo.

Esta foi uma maneira extremamente oportuna para oferecer um rigor a mais no que se refere ao caráter “participante” da minha observação. Dessa forma pude me inteirar da dinâmica do clube, conhecer e observar muitos dos seus membros antigos, assim como um grupo de quinze pessoas que, como eu, passavam a ser novos membros do CERJ e iniciantes na prática do montanhismo.

Na fase mais intensa de observação dos sujeitos e participação nas atividades dos grupos, especialmente o CERJ, pude experimentar vivências como reuniões sociais, caminhadas leves e pesadas, escaladas em rocha de variados graus de dificuldade, acampamentos e outros encontros. Após esse período, o contato com os grupos continuaram, passando os encontros a acontecer de forma menos intensificada.

Num segundo momento da pesquisa de campo, entre os meses de março e abril do ano de 2002, retomei o contato mais efetivo com o CERJ e com alguns membros do GCAV, de forma a escolher um pequeno grupo para a realização de entrevistas semi-estruturadas, cujo roteiro buscou focar direta ou tangencialmente os temas do estudo.

Os entrevistados foram escolhidos entre membros antigos e mais novos, totalizando um núme-

ro de dez pessoas. Já próximo do nono entrevistado, as entrevistas começaram a apresentar uma certa saturação nos dados informados, o que me fez optar por considerar apenas estas dez entrevistas. Os membros do GCAV foram entrevistados em setembro de 2001, enquanto que as entrevistas com os membros do CERJ foram realizadas durante o mês de abril de 2002. Em relação aos critérios para escolha dos entrevistados, destaca-se o grau de envolvimento dos mesmos com as atividades, além da disponibilidade para participar das entrevistas.

### **Alguns aspectos suscitados com a pesquisa**

Gostaria aqui de traçar algumas breves considerações, numa tentativa de síntese dos principais aspectos suscitados com a pesquisa. Tais aspectos são provenientes tanto do referencial teórico do estudo quanto da vida cotidiana dos sujeitos da pesquisa, especialmente no contexto dos grupos investigados.

Uma primeira consideração diz respeito à singularidade destes grupos. Como demonstrou o estudo, o GCAV assume desde o início de sua criação a busca por uma forma inovada de organização, sobretudo marcada pela não-diretividade de suas ações. Trata-se de um

agrupamento de pessoas cujo único elo a manter sua coesão, além de seu site na Internet, é a afinidade pela prática de caminhadas nas montanhas e florestas do Rio de Janeiro.

São pessoas de variadas idades, segmentos sociais e estilos pessoais de comportamento, articuladas em torno de ações descentralizadas. Estas características do GCAV, evidenciando um assumido traço anárquico (o próprio símbolo do grupo é um "A" estilizado, o qual simboliza o Movimento Anarquista) em sua dinâmica de constituição, conferem ao grupo uma peculiaridade poucas vezes encontrada em associações ou grupos voltados à promoção de atividades de lazer ou esporte de aventura na natureza. Não me parece exagerado enxergar no GCAV um exemplo de fuga a uma certa padronização no âmbito de grupos com tais finalidades. Neste sentido, este grupo tende a escapar da referência identitária geralmente atribuída a grupos deste tipo, não se deixando capturar num certo "estilo radical" de comportamento e de consumo.

Alguns indicativos autorizam afirmar mais ou menos o mesmo em relação ao CERJ. Embora tenha outras características de criação e dinâmica, mais institucionalizadas e voltada a traços mais "tradicionais" do montanhismo, o CERJ, ainda assim, assume características que o

afastam também de tais referências voltadas aos modismos do mundo dos "esportes radicais" e a práticas etiquetadas como "ecoturísticas".

Tanto o GCAV como o CERJ estão desvinculados de qualquer perspectiva empresarial e de qualquer fim lucrativo em suas atividades. Isto significa que eles tendem a não tratar e não promover suas práticas como meras mercadorias, o que os colocam numa perspectiva diferenciada no trato com suas atividades e ações. Os próprios sujeitos que coordenam as atividades desses grupos tendem a vivenciá-las como lazer, como algo que tem um fim em si mesmo, sem nenhum fim mercadológico ou grandes apelos ao consumo de modismos. Diante de tais peculiaridades, tanto no contexto do CERJ como no do GCAV vislumbra-se outras possibilidades de estilos de vida e de compartilhamento de experiências, de relações de amizade e de relação com a natureza. Estes aspectos apontam, já de saída, elementos de diferenciação e abertura para uma outra forma de vivenciar aquelas práticas corporais de lazer e aventura na natureza, assim como se constituem em espaços férteis para o exercício de novas formas de ser e se relacionar.

Os entrevistados apontam algumas nuances importantes na experiência com estas práticas corporais de lazer e aventura, compa-

rando-as às modalidades esportivas mais tradicionais. O principal componente apontado diz respeito à mudança de perspectiva na ação do sujeito, uma vez que no lugar da competição e da disputa (comum nas modalidades esportivas convencionais) entram a solidariedade e a parceria com o outro.

Como demonstrou a observação dos grupos e alguns dos depoimentos coletados, o aspecto da competição, quando existe, não inclui necessariamente a busca pela superação do outro, mas a superação dos próprios limites e medos ao enfrentar os riscos tão presentes nas práticas do montanhismo. Nestas práticas, as quais são vivenciadas como lazer pelo grupo, foi possível perceber uma clara ausência de comparação de performances corporais, assim como o não estabelecimento de regras rígidas.

Acima de tudo, no contexto das práticas corporais aqui estudadas, não está em jogo um confronto com o outro ou com a natureza, uma necessidade imperiosa de rendimento, obediência a regras fixas e à rigidez do tempo, ou ainda de obter do corpo uma performance que esteja desvinculada do prazer e da harmonia com o ambiente onde se realiza. Neste sentido, há uma relação mais contratual do que de domínio ou controle em relação à natureza, algo bem próximo do que

discute Coelho dos Santos (1997). Para este autor, verificam-se consideráveis diferenças entre as "práticas *hard*" (modalidades atléticas do esporte formal) e as "práticas *soft*" (novas modalidades de aventura na natureza), especialmente no que se refere à relação do praticante com o próprio corpo e com a natureza.

Nas práticas corporais enfocadas neste estudo há uma certa intencionalidade de interação dos sujeitos com os elementos do mundo natural, onde o desempenho parece muito mais guiado pela habilidade e beleza dos gestos do que necessariamente pela sua funcionalidade, mais pelo prazer na busca de novas sensações do que por sua utilidade. Estes aspectos parecem sugerir que o envolvimento com tais práticas convida a novas ações e a uma forma diferenciada de relação do sujeito com o próprio corpo e com a natureza.

Estes aspectos podem ser aproximados também às formulações de Sant'Anna (1999, p. 90), nas quais a "ação em curso" é discutida no âmbito das "relações de composição". Numa "ação em curso" já não é possível separar o sujeito que pensa e reflete do sujeito que age, assim como coincidem reflexão e vida corpórea. Por não se colocar fora da relação, o sujeito torna-se ao mesmo tempo pensamento e ação: "a meta final coincide com o processo".

A vida cotidiana no contexto pesquisado parece dar lugar a formas particulares de constituição de subjetividades e de relações interpessoais, articuladas sobretudo pelo envolvimento com as práticas corporais de lazer ligadas ao montanhismo. A vivência coletiva destas práticas são associadas sobretudo a momentos de intensificação da relação do sujeito consigo próprio e com a alteridade, aí incluídos a natureza e os outros sujeitos que compartilham tais momentos.

Esta intensificação da relação consigo próprio na relação com o outro não deixa de ser marcada pelo fulcro da reflexividade, pois, como sugerem os discursos dos sujeitos, ali também se busca um certo questionamento de si mesmo, uma mudança de valores, outras maneiras de ser e de se relacionar com o outro e com a vida. Estes sujeitos, como poderia sugerir Beck (1997), tendem a se constituir numa interação discursiva bastante aberta, a qual não deixa de apresentar sua complexidade. Eles parecem buscar não somente uma mudança de valores, mas também apontam mesmo para uma certa reinvenção do social.

Esta interação oferece um caráter peculiar às relações interpessoais vivenciadas a partir do convívio no grupo, especialmente no âmbito do CERJ. Os laços de socia-

bilidade criados e mantidos a partir do envolvimento com aquelas práticas corporais de lazer e aventura na natureza, giram em torno do que estas práticas representam e do prazer que elas podem proporcionar. Nesta perspectiva, embora talvez não se possa falar estritamente aqui de “relacionamentos puros” no sentido de Giddens (2002), tais liames sociais aproximam-se de tal noção uma vez que não se fundamentam em nenhuma âncora externa (não estão baseadas em outras condições externas da vida social e econômica, por exemplo) além de uma afinidade comum por atividades ligadas ao montanhismo.

A amizade com o outro é acima de tudo uma aproximação de crenças e valores, e os sentimentos de proximidade revelam interesses e significações comuns na vivência de práticas de lazer. É também neste sentido que elas são tidas como diferenciadas no que diz respeito a relações de amizade suscitadas, por exemplo, no ambiente de trabalho ou a partir dos vínculos mais próximos ao círculo familiar. Trata-se de tipos de relacionamentos menos institucionalizados e burocratizados, uma vez que, em certa medida, tendem a fugir da rigidez dos vínculos orgânicos tradicionais, quer eles sejam vinculados ao trabalho, à religião ou façam referência às metáforas familiares.

Como foi possível constatar no discurso de alguns entrevistados, as relações de amizades suscitadas neste contexto tendem a ser cultivadas e bastante valorizadas, pois oferecem amparo sobretudo pela intensidade e emoção que é compartilhada nas experiências singulares de lazer vividas na montanha. Por outro lado, elas tendem algumas vezes a extrapolar o espaço mais restrito do grupo e a compor a vida cotidiana e o estilo daquelas pessoas, criando novas redes de relações, muito embora a referência comum mais forte seja a vivência conjunta das práticas ligadas ao montanhismo.

Se estes laços de sociabilidade algumas vezes “perdem” em duração ou frequência, eles ganham em intensidade, pois as experiências vividas são dotadas de expressiva significação para os sujeitos que a vivenciam. Elas permitem uma forma de amizade aberta, na qual é exercitada uma relação de confiança e compromisso com o outro, resultando em momentos singulares de emoções e desafios compartilhados. Mesmo que ainda não enxerguemos em agrupamentos como o GCAV e como o CERJ exemplos de “comunidades reflexivas” pautadas em significações partilhadas, apontadas por Lash (1997) como uma tendência nesta fase da modernidade, estes grupos parecem com-

partilhar emoções pautadas não só por um forte apelo estético, mas também por um certo compromisso ético com a natureza. Um exercício ético-estético talvez, especialmente entendendo a estética no sentido de emoção compartilhada, tal como discute Maffesoli (1996).

Na ótica deste autor, presencia-se na contemporaneidade o surgimento de novos vínculos, surgidos a partir do partilhar de experiências e sentimentos comuns, estabelecendo conexões entre a ética e a estética. Para Maffesoli (1998, p. 20), assiste-se no presente a elaboração de uma aura estética, onde poderão ser encontrados os elementos que remetem à “pulsão comunitária”, à pulsão do “estar junto”, a qual explicaria a multiplicação e efervescência de pequenos grupos (espécie de “tribalismo”) de redes existenciais.

O componente de reflexividade parece ser evidenciado nas experiências vivenciadas no contexto dos grupos investigados, já que a relação com o outro (e também com a natureza) é encarada como uma oportunidade de aprendizagem e de questionamento de si mesmo. Dessa maneira, se há sentido em falar do sujeito como um “projeto reflexivo” (GIDDENS, 2002) na modernidade tardia, este projeto parece incluir formas de subjetivação coletiva, formas de se

constituir como sujeito na relação com o outro. No contexto pesquisado, estas relações apresentam-se fortemente pautadas por sentimentos de solidariedade, mas são também recortadas por uma incitação recíproca peculiar, por um desafio mútuo dos sujeitos na vivência das práticas vinculadas ao montanhismo.

Diante de tais asserções, seria possível aproximar estes liames sociais às formas de relacionamento sobre as quais refletem Foucault (1994a) e Ortega (1999, 2000, 2002). Ao se debruçar sobre a antiga estética da existência, Michel Foucault procura a reabilitação da práxis ascética (ascese no sentido de auto-elaboração) da Antigüidade, na qual, através de um minucioso trabalho de elaboração de si mesmo, os antigos buscavam fazer de suas vidas uma obra de arte. O apelo foucaultiano por uma forma de vida que atenda a certos critérios éticos e de estilo (a vida como uma “obra de arte”), marcada por uma experimentação intensa na relação do sujeito consigo mesmo e com o outro, nos remete a instigantes reflexões.

Foucault (1998) se refere assim a essas “artes da existência”, essas “técnicas de si”, tão expressivas na cultura greco-romana:

Deve-se entender com isso, práticas refletidas e voluntárias através

das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo. Essas ‘artes da existência’, essas ‘técnicas de si’, perderam, sem dúvida, uma certa parte de sua importância e de sua autonomia quando, com o cristianismo, foram integradas no exercício de um poder pastoral e, mais tarde, em práticas de tipo educativo, médico ou psicológico (p. 15).

A vontade de ser um sujeito moral na Antigüidade, e a respectiva estética da existência, como discute Foucault (1994b), era sobretudo um esforço de afirmação da própria liberdade. A despeito de normas de comportamento que não deixavam de ancorar a conduta de cada um, esta afirmação da liberdade do sujeito moral estava combinada ao compromisso em dar à sua própria vida, uma forma na qual fosse possível o seu reconhecimento por outros e onde a própria posteridade pudesse tê-la como exemplo. Nas palavras de Foucault (1994b, p. 731), a “elaboração da própria vida como uma obra de arte pessoal, ainda que obedecendo a certos cânones coletivos, estava no centro, me parece, da experiência moral, da vontade moral da Antigüidade...”.

Os dois últimos volumes da *História da Sexualidade*, *O Uso dos Prazeres* e *O Cuidado de Si*, constituem-se em investigações históricas sobre a ética sexual antiga e a arte de viver entre gregos e romanos. Nestes livros, Foucault parece não fazer uma passagem clara para a atualidade, mas, juntamente com os chamados "textos menores" (artigos, entrevistas, palestras) do autor, eles oferecem importantes pistas para uma possível atualização da antiga estética da existência através da amizade.

Mesmo considerando o contexto de discussão sobre a homossexualidade, as respostas foucaultianas apontam para um novo e importante interesse pela amizade: "...não se entra simplesmente na relação para poder chegar à consumação sexual, o que se faz muito facilmente; mas aquilo para o que as pessoas são polarizadas é a amizade" (FOUCAULT, 1994a, p. 163).

Seguindo as pistas deixadas por Foucault, o filósofo Francisco Ortega busca desenvolver uma espécie de ontologia da amizade, buscando realçar a dimensão agonística e inter-subjetiva do cuidado de si. Elemento de ligação entre a elaboração individual e a subjetivação coletiva, a amizade é um convite à experimentação de novos estilos de vida e comunidade, a qual, reabilitada, pode intro-

duzir movimento e fantasia nas rígidas e normatizadas relações sociais, além de proporcionar uma possibilidade de pensar e repensar as limitadas e empobrecidas formas de relacionamento existentes em nossa sociedade (ORTEGA, 1999).

Em contrapartida às análises sociológicas, as reflexões foucaultianas sobre o tema da amizade buscam nela sobretudo um componente transgressivo. Em Foucault, segundo Ortega (1999, p. 157), a amizade "não é vista como uma forma de relação e de comunicação além das relações de poder; representa antes um jogo agonístico e estratégico, que consiste em agir com a mínima quantidade de domínio. Falar de amizade é falar de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização".

Se falar de amizade em Foucault é falar de multiplicidade, intensidade, experimentação e desterritorialização, pode-se também afirmar que as relações de amizade vividas no contexto dos grupos pesquisados tendem a ser marcadas pela experimentação e intensidade no âmbito das práticas corporais de lazer e aventura na natureza. Tais relações de amizade apresentam-se como um tipo de relacionamento tanto intenso quanto móvel (a mobilidade desterritorializante de relações no contexto do GCAV é disso um exemplo!), não se

pautando necessariamente na igualdade e na concordância, mas num desafio mútuo, num compartilhamento de experiências de liberdade e de risco capazes de transformar os parceiros envolvidos. O amigo não é uma adesão incondicional, mas alguém com quem se constrói relações de confiança e desafios recíprocos (especialmente no contexto do CERJ), num processo que inclui autotransformação e aperfeiçoamento.

Diante destas considerações, seria possível, a propósito da indagação inicial do estudo, sustentar o argumento sob o qual o envolvimento com estas práticas coletivas de lazer e aventura na natureza podem, em algumas situações, ser entendidas como experiências existenciais férteis para o exercício de uma relação renovada do sujeito consigo mesmo, com o outro e com a natureza. Este exercício faculta aos sujeitos envolvidos a possibilidade de vivenciar processos renovados de subjetivação coletiva, podendo resultar em formas de amizade mais solidárias, livres e criativas.

Estas considerações, obviamente, levam em conta o contexto bastante restrito a partir do qual são formuladas, basicamente envolvendo apenas dois grupos relacionados com práticas corporais no âmbito do montanhismo. De qualquer modo, não há aqui nenhuma grande pre-

tensão generalizante em relação aos dados e aos argumentos apresentados. É possível que talvez nem tenhamos chegado a “grandes conclusões a partir de fatos pequenos densamente entrelaçados”, como nos convida Geertz (1989).

Até mesmo os atributos naturais invejáveis da cidade do Rio de Janeiro, combinando esplendorosamente praias e montanhas (vivenciadas pela população, a despeito do quadro de violência e desigualdade social existente), devesse ser considerado como fatores “facilitadores” de tais sensibilidades entre os sujeitos da pesquisa. Coincidência ou não, a cidade do Rio é eleita por psicólogos da Universidade da Califórnia, no ano de 2003, a “cidade mais amigável do mundo”, ressaltando alguns aspectos surgidos em sua pesquisa internacional, tais como solidariedade, gentileza, amizade e o bom humor carioca<sup>5</sup>.

Em todo caso, a realidade investigada não deixa de nos apontar aspectos significativos sobre a experiência de lazer, especialmente aquelas relacionadas a práticas corporais de aventura na montanha. Embora estes aspectos digam respeito ao contexto dos grupos pesquisados, nada nos impede de supor a ocorrência de experiências semelhantes noutros contextos. Da mesma forma, não há nada que nos impeça de exercitar o anseio de que

tais experiências não permaneçam limitadas a pequenos grupos.

Se este fluir da imaginação nos é permitido em um trabalho acadêmico, certamente inspirando-se nas experiências vislumbradas no contexto da pesquisa, é a partir desses pequenos lampejos de invenção lúdica de si mesmo que talvez seja possível imaginar um exercício ético-estético dos sujeitos, sobretudo a partir dessas experiências de lazer. Ainda que o pensemos emanando da experiência de lazer, este exercício não deixaria de ser estendido às várias dimensões da vida, especialmente se entendemos a ética no sentido foucaultiano, antes de mais nada como uma intensificação da relação consigo próprio, como uma constante invenção e reinvenção de si mesmo, a qual se dá na relação com o outro.

A partir das pequenas "brechas" e resistências vislumbradas no lazer vivenciado pelos grupos aqui estudados, talvez seja possível imaginar uma prática de si exercitada a partir do lazer e da relação com os outros, a qual possa constituir o sujeito como arquiteto de suas ações intencionais, sobretudo abrindo caminhos para processos de singularização (GUATTARI, 1986), isto é, para a problematização daquilo que se é, para o tensionamento da própria subjetivi-

dade em busca de outras sensibilidades, outras percepções, outras maneiras de ser.

## Referências

- ABRAMO, Perseu. Pesquisa em ciências sociais. In S. Hirano (Org.) **Pesquisa social: projeto e planejamento**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.
- BRUHNS, Heloisa, T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In C. M. T. Serrano e H. T. Bruhns (Orgs.) **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. Campinas: Papirus, 1997.
- COELHO DOS SANTOS, Francisco C. Controle e contrato: duas formas de relação com a alteridade. **Revista Educação, Subjetividade e Poder**, Porto Alegre, v. 4, n. 4, 1997.
- DUVIGNAUD, Jean. **A solidariedade: laços de sangue, laços de razão**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- FOUCAULT Michel. Da amizade como forma de vida. **Dits et**

- écrits, v. 4. Tradução de Wanderson F. Nascimento. Paris: Gallimard, 1994a.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- \_\_\_\_\_. Uma estética da existência. **Dits et écrits**, v. 4. Tradução de Wanderson F. Nascimento. Paris: Gallimard, 1994b.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Ed. da Unesp, 1991.
- \_\_\_\_\_. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Ed. da Unesp, 1993.
- \_\_\_\_\_. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo: Ed. da Unesp, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica, cartografias do desejo.** Petrópolis, Vozes, 1986.
- LASH, Scott. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo: Ed. Unesp, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências.** Petrópolis: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O tempo das tribos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MONTEIRO, Sandoval V. **Modernidade, formas de subjetivação e amizade: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza.** Campinas, 2003, 143 f. Tese (Doutorado em Educação Física/ Estudos do Lazer). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.
- ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Genealogias da amizade.** São Paulo: Iluminuras, 2002.
- \_\_\_\_\_. Governabilidade e ethos da modernidade. In BRITO, A. N. e HECK, J. N. **Ética e política.** Goiânia: Ed. da UFG, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Intensidade: para uma história herética da filosofia.** Goiânia: Ed. da UFG, 1998.

\_\_\_\_\_. **Para uma política da amizade.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In LINS, D. (Org.) **Cultura e subjetividade: saberes nômades.** Campinas, Papirus, 1997a.

\_\_\_\_\_. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e com a cultura. In LINS, D. (Org.) **Cultura e subjetividade: saberes nômades.** Campinas, Papirus, 1997b.

SANT'ANNA, Denise B. Passagens para condutas éticas na vida cotidiana. **Margem**, n. 9. São Paulo, 1999.

VILLAVÉRDE, Sandoval. Refletindo sobre lazer/turismo na natureza, ética e relações de amizade. In MARINHO, A. e BRUHNS, H. T. (Orgs.) **Turismo, lazer e natureza.** Barueri (SP): Manole, 2003.

**Contato:**

Rua Manoel dos Santos da Silva, 171b  
São Lourenço – Curitiba – PR  
CEP 82.130-030  
E-mail: sandovalvillaverde@hotmail.com  
Tel. (41) 3528101

Recebido: dez/2004  
Aprovado: fev./2005